



A construção da identidade visual dos telejornais da TV Brasil ¹

Lorena Goretti²

Teo Pasquini³

Universidade de Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

O presente estudo propõe uma análise dos aspectos imagéticos dos telejornais veiculados pela Rede Brasil, emissora pública de televisão. Para tal, utiliza como base o estudo empírico do Jornal Visual e das duas edições diárias do Repórter Brasil. A investigação faz parte de uma pesquisa realizada do grupo “Telejornalismo, imagem e representação” da UFJF, e pretende relacionar os conceitos de identidade visual às características observadas na produção telejornalística da emissora pública brasileira. Os dados foram obtidos e compilados por meio de observação quantitativa e qualitativa. Textos de Becker (2006) e Gomes (2006) a respeito da qualidade no telejornalismo, de Coutinho (2003) sobre a dramaturgia do telejornalismo, e ainda acerca de programação visual (Ohl, 1999), oferecem suporte teórico à reflexão.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; TV Brasil; Identidade Visual.

No presente artigo, buscamos analisar a presença de recursos gráficos e audiovisuais na estruturação dos telejornais de veiculação nacional, exibidos pela TV Brasil. Procuramos encontrar diretrizes que sistematizem a relação entre os produtos jornalísticos citados com a proposta de programação visual apresentada. Isto inclui explicitar em pormenores os objetivos da rede enquanto emissora pública e suas construções visuais, presentes no recorte gráfico/cinético das matérias jornalísticas e em seu acabamento visual, figurinos e cenografia. É importante lembrar que os aspectos citados anteriormente são produto de uma decisão editorial da emissora, que deve atender às propostas da rede. Iluska Coutinho avalia, à luz dos conceitos de edição, que

¹ Trabalho apresentado no IJ de Jornalismo do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências realizado de 02 a 07 de setembro de 2011, a partir do grupo de pesquisa em Telejornalismo, orientado pela Professora Doutora Iluska Coutinho.

² Aluna do sexto período do curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Social, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Integrante do Grupo de Pesquisa de Telejornalismo, sob a orientação da Prof. Dra. Iluska Coutinho. lorenagoretticb@gmail.com

³ Aluno do décimo período do curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Social, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Integrante do Grupo de Pesquisa de Telejornalismo, sob a orientação da Prof. Dra. Iluska Coutinho. teopasquini@hotmail.com



“as imagens a serem analisadas se constituiriam assim não na realidade objetiva, mas em uma forma de olhar, registrada pela ação humana em associação a processos técnicos” (COUTINHO, 2006).

Durante o período de análise dos produtos jornalísticos da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), realizou-se observação quantitativa com compilação de dados, e qualitativa, quando se observou detalhada e separadamente determinados aspectos constituintes de cada telejornal. Findas essas etapas, torna-se possível caracterizar e afirmar estruturas que compõem majoritariamente os programas e estabelecem suas identidades visuais.

Para contextualizar nossa descrição e situar o estudo dentro de uma perspectiva analítica, faz-se necessário apresentar breves relatos acerca das diferenças entre emissoras públicas e privadas – o que configura parâmetros distintos na produção e seleção do conteúdo noticiado –, e ainda informações sobre os três telejornais utilizados como base para a pesquisa.

1. Emissoras Públicas e Privadas

Emissoras de TV públicas e privadas diferenciam-se em alguns aspectos, como por quem são geridas e, portanto, a quem respondem e questões de qualidade, abrangência, inclusão e identificação.

As redes de TV privadas têm fins lucrativos e, portanto sua linha editorial está vinculada aos interesses comerciais de seus proprietários, conseqüentemente, a pluralidade de abordagens e as vozes dos telejornais também ficam diretamente submetidas a tais interesses. Emissoras de TV públicas, ao contrário disso, não se baseiam em valores ou imposições do mercado.

Para o sentido aqui adotado, considera-se como público tudo que pode ser acessado, visto ou ouvido por todos, sem restringir nenhuma parcela da sociedade, seja por região, cor, sexo ou classe social. Como serviço público, entende-se aquele que tem o Estado como responsável direto por sua prestação e desta forma, não está à mercê da arbitrariedade do mercado. Um serviço público deve ser universal, atendendo a todos, e acima de tudo, ter qualidade.

O responsável pela TV pública é o Estado, mas nem por isso deve ser ferramenta de propaganda do governo. Pelo contrário, deve garantir acesso igualitário à



população, tanto em termos de veiculação quanto de conteúdo. A TV estatal não pode privilegiar certos assuntos, regiões ou pontos de vista em detrimento do interesse público. Desta forma, sua programação precisa ser diferenciada da oferecida pela TV privada. Em seu conteúdo, devem estar incluídos programas que visem à difusão cultural e da cidadania.

Quando uma TV é financiada por empresas particulares, a qualidade pode ficar comprometida uma vez que os interesses dos investidores ficam à frente do compromisso com o público. No entanto, a falta de recursos financeiros pode dificultar que as TVs públicas produzam programação de qualidade.

As questões de abrangência, inclusão e identificação estão bastante relacionadas. A TV pública tem o compromisso de ser igualitária, gerando maior inclusão e consequente identificação do público. Na TV privada é a população das regiões mais ricas do país que ganham mais espaço. Os grandes centros urbanos em que vivem são os principais locais que geram informações que “vendem”, ou seja, que geram lucro.

Vale ressaltar, porém, que estas diferenciações, apesar de ocorrerem com frequência, não são regras nem padrões isentos de sofrerem alterações de acordo com a emissora em questão.

2. A TV Brasil

A TV Brasil é composta por quatro canais federais e gerida pela Empresa Brasil de Comunicação (EBC), criada para “suprir uma lacuna no sistema brasileiro de radiodifusão com o objetivo de implantar e gerir os canais públicos, aqueles que, por sua independência editorial, distinguem-se dos canais estatais ou governamentais” (EBC, 2011).

A emissora que iniciou suas transmissões em 2 de dezembro de 2007, tem a matriz localizada no Rio de Janeiro, e possui filiais (emissoras próprias) em Brasília (DF) e São Paulo (SP). Tal como outras emissoras nacionais, a TV Brasil compreende 43 afiliadas as quais, além de transmitirem conteúdo de veiculação nacional, produzem programação própria. A emissora veicula quatro telejornais diários: o “Repórter Brasil” - manhã, o “Repórter Brasil” - noite, o “Repórter Rio” e o “Jornal Visual”, especializado para os deficientes auditivos. As produções pertencem à categoria informação na TV Brasil e ocupam em média 17,5% da grade da programação



veiculada de segunda a sexta-feira. A chamada “faixa de reflexão” é constituída por conteúdos próprios e co-produções, veiculados nos períodos da tarde e da noite e apresenta programas de diferentes gêneros, como debate, entrevista e reportagem.

De acordo com o projeto desta pesquisa, elaborado por Coutinho (2010), “a criação da EBC pelo presidente Lula, representa a busca por concretizar como prática efetiva a complementaridade entre os sistemas privado, público e estatal de radiodifusão.” Tal característica, vem de encontro ao desejo do público por informação de qualidade, que priorize assuntos e temas de relevância nacional, incluindo regiões e estados que têm pouca expressão na grande mídia com exceção de fatos raros.

Em sua carta de princípios, a TV Brasil apresenta a busca por oferecer ao telespectador uma programação diferenciada, de forma a complementar e ampliar a oferta de conteúdos, jornalísticos inclusive, representando uma promessa da realização de um novo modelo de telejornalismo. Ainda nesta carta, o jornalismo da emissora define-se como empenhado em oferecer informação completa e objetiva, desprovida de opinião, capaz de fornecer elementos para que o cidadão tire suas próprias conclusões. A TV também assume o compromisso de buscar a participação da própria sociedade para a construção de pautas e da agenda jornalística, por meio da colaboração do cidadão comum, de entidades representativas e de movimentos sociais.

A TV Brasil pretende ceder espaço para todas as regiões do Brasil, descentralizando a notícia e mostrando a pluralidade de tons e sotaques, diferente do que é praticado nas emissoras comerciais.

3. Elementos de construção da notícia em telejornalismo

Segundo Coutinho (2003), a dramaturgia é inerente ao jornalismo televisivo no Brasil, uma vez que cada notícia constitui-se de uma espécie de narrativa em que os acontecimentos para serem contados necessitam e obedecem a padrões estruturais, de formato, adequados aos conteúdos.

O noticiário de televisão é espaço para que experimentemos os pequenos e grandes dilemas cotidianos, emoções de anônimos e autoridades, editadas segundo uma série de características que as aproximam das narrativas de ficção, do terreno da (tele) dramaturgia. (COUTINHO, 2003).



Os formatos utilizados em telejornalismo para a apresentação da notícia também estão relacionados às circunstâncias de produção e de construção narrativa do material noticioso.

Os telejornais iniciam-se com a “escalada”, quando os apresentadores enunciam as manchetes, após a vinheta. Cada matéria exibida é introduzida por uma “cabeça” do apresentador, a qual além de apresentar a matéria. As notícias, por sua vez, podem ser transmitidas de várias formas: 1) nota vivo (nota seca), é a informação completa, com começo-meio-fim, lida pelo apresentador em estúdio; 2) nota coberta, é composta por uma cabeça do apresentador, seguida de sua narração em off, quando são exibidas imagens externas; 3) flash, quando o apresentador chama o repórter ao vivo, de onde ele está; 4) stand up, quando o repórter aparece ao vivo, em primeiro plano, tendo como fundo uma imagem significativa do tema abordado na matéria e não apresenta edição; 5) sonora, composta por uma cabeça do repórter que introduz a entrevista (gravação direta, sem edição); 6) matéria ou videotapes (VTs), imagem e som informam o telespectador. Na construção e/ou montagem do VT são usados vários recursos como off, entrevistas e/ou sonoras, passagens de repórter, sobe som, povo fala ou enquete. Quando o material apresentado é resultado de um trabalho de apuração mais aprofundada, indo além da cobertura apenas factual e oferecendo informação mais contextualizada, a matéria ou VT se converte em reportagem.

Com dois telejornais veiculados de segunda a sexta-feira (Jornal Visual e Repórter Brasil Manhã) e outro que vai ao ar de segunda-feira a sábado (Repórter Brasil Noite), a Empresa Brasil de Comunicação se pretende como uma emissora informativa. A chamada “faixa de reflexão” compreende cerca de 11% da programação diária, que é destinada às duas edições do Repórter Brasil – manhã e noite, e do Jornal Visual, que é o primeiro telejornal diário com tradução para a Língua Brasileira de Sinais-Libras, criado para levar informação à comunidade de Surdos, estimada em cinco milhões de brasileiros”. (JORNAL VISUAL, 2010).

Os noticiários da TV Brasil utilizam conteúdos produzidos pelas sucursais de vários estados brasileiros e buscam traçar um panorama do Brasil contemporâneo ao levar ao telespectador informações de áreas e realidades pouco comuns ao seu cotidiano. E nesse contexto, qual seria a importância dos elementos visuais na construção da narrativa e compreensão do público? A imagem veiculada nos telejornais



deve ser trabalhada de formas específica de acordo com a informação e objetivos a serem transmitidos. Em telejornalismo, existem alguns recursos específicos para que o programa torne-se mais atrativo e seja compreendido mais facilmente, a que chamamos programação visual.

Logotipos, selos, tipologia, tarjas e vinhetas são elementos utilizados para dar uma identidade aos telejornais. Programadores visuais trabalham desde a elaboração das cores e do projeto dos cenários até as ilustrações e simulações que facilitam tanto a identificação do canal quanto o entendimento da notícia. (OHL, 1999)

Os elementos imagéticos contribuem diretamente para a transmissão da informação nos telejornais. No entanto, a atenção do telespectador não deve ser desviada para análise desses aspectos em detrimento da apreensão do conteúdo informativo. Caso isso aconteça, há um indicativo de que algo inadequado da escolha, disposição ou apresentação dos artigos visuais prejudica sua fruição.

Para construir uma imagem de acordo à política da empresa, bem como caracterizar seus programas visualmente, faz-se necessária a presença de uma equipe de programação visual, composta por profissionais das áreas de jornalismo, design gráfico e, muitas vezes, arquitetos e engenheiros. De acordo com o pesquisador Murilo Ohl (1999), o trabalho do programador visual começa durante a concepção do telejornal. Segundo ele, é necessário que o diretor de criação se reúna com o os editores e diretores para conhecer a linha editorial que está sendo proposta e é preciso haver bastante intimidade com o projeto. o programador visual da Rede Globo de Televisão, Alexandre Arrabal, citado por Ohl no mesmo trabalho, afirma que um programa que tem uma boa linguagem visual é aquele que pode ser identificado rapidamente. Ele sustenta a ideia, declarando que “no momento em que ligar a TV, a pessoa precisa saber em qual emissora está, que está assistindo a um programa de jornalismo e de qual jornal se trata” (Arrabal, apud OHL, 1999).

4. Os telejornais da TV Brasil e seus aspectos visuais



Os três telejornais exibidos em cadeia nacional veiculados pela TV Brasil se posicionam na “faixa de reflexão” da emissora. O Jornal Visual, bem como as edições matutina e noturna do Repórter Brasil compõem a maior parte da produção jornalística da emissora. Nesta seção, fazemos uma descrição de cada um dos noticiários para, em seguida, discutir o uso da imagem em suas edições.

O Repórter Brasil Manhã, ancorado pela jornalista Katiuscia Neri, apresenta cerca de 20 notícias durante os seus 45 minutos de duração, sendo exibido de segunda a sexta-feira, às 8 horas. O tempo dedicado a cada retranca pode chegar a sete minutos se somados todos os formatos utilizados em sua estrutura. A mais comum é cabeça, matéria (VT) e *stand up*/ entrevista. A edição é pouco dinâmica por não ter grande variação no tratamento dado às informações. Tem forte caráter de prestação de serviço, em que predominam as notícias frias⁴. Dessa forma, o tema é apresentado (na “cabeça”), contextualizado (através do off e da passagem do repórter, no VT) e explicado (através de *stand up*, sonoras e entrevistas). Quando se trata de uma notícia quente⁵, esta costuma ser usada como gancho para entrevista em estúdio. O telejornal dificilmente exhibe notas cobertas, por serem comumente usadas em notícias internacionais – editoria pouco frequente no horário – e são ainda mais raras as reportagens aprofundadas. A excessiva quantidade de *stand ups* presentes nesta edição foge aos padrões do telejornalismo estabelecido pelas grandes emissoras comerciais, o que retira do formato sua característica principal, que é estar presente no local-chave da notícia que é narrada.

A edição noturna do telejornal apresenta diferenças substanciais quando comparada à matutina. No Repórter Brasil Noite, além de um maior número de notícias veiculadas, há uma maior preocupação em trabalhar os conteúdos, adaptando-os aos diferentes formatos. Seus 55 minutos são distribuídos em mais editorias e o tempo médio das matérias é mais curto. Exibido de segunda-feira a sábado, seu formato procura atrair o telespectador através da forte ligação com a factualidade.

Três jornalistas, cada qual em uma cidade diferente, se revezam na apresentação. De Brasília, Rio de Janeiro, e São Paulo, os três âncoras aparecem simultaneamente no início e ao final, para a abertura e o fechamento do telejornal, de segunda à sexta-feira. Porém, as temáticas apresentadas por cada repórter não têm, necessariamente, vínculo com a localidade de onde falam. Essa inovação pode confundir o telespectador não

⁴ Notícia fria é aquela que não precisa ser publicada no momento que acontece, é recorrente, sazonal.

⁵ Notícia quente é a que precisa ser publicada o quanto antes pelo seu imediatismo.



acostumado com o formato e por vezes repórteres falando ao vivo da rua chamam o âncora errado no estúdio. Isso aconteceu na edição do dia 07 de abril de 2011. Após um flash sobre a tragédia na escola de Realengo, no Rio de Janeiro, a repórter chamou a âncora Luciana Barreto (do Rio de Janeiro), mas ao voltar para o estúdio quem apareceu foi Fernanda Isidoro (de Brasília). Aos sábados, apenas um apresentador é responsável por todo o jornal.

Diferentemente do Repórter Brasil Manhã, a edição noturna aproveita-se da participação popular – restrita às sedes da TV Brasil em Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo – em suas pautas, criando um canal direto entre a emissora e sua audiência. Essa interatividade pode ser percebida através do quadro “Outro olhar”, no qual conteúdos enviados por telespectadores substituem aqueles produzidos pela equipe do telejornal.

Exibido de segunda à sexta-feira às 7h50 da manhã, o Jornal Visual apresenta, em média seis matérias ao longo de 10 minutos de duração. A maioria das matérias é reaproveitada do Repórter Brasil, mas os VTs necessitam de adaptação para serem exibidas no Jornal Visual, raramente têm alguma ligação com a factualidade. Dessa forma, predominam matérias frias, sendo as fontes majoritariamente populares transmitindo suas opiniões ou experts e associações. De maneira geral, as vozes utilizadas são adequadas, com ideal contraposição de ideias quando necessário⁶. O regionalismo é bastante frequente, através de reportagens produzidas em diversas regiões do país.

Tendo como base as observações anteriormente citadas, podemos destacar algumas das variáveis, concernentes à estrutura e à programação visual mantidas pelos noticiários Repórter Brasil e Jornal Visual, além de pontos carecem de maior apuro. Para estes apontamentos, consideramos alguns elementos visuais de um telejornal, que nos auxiliam a destacar determinados pontos em que o processo comunicativo pode ser ou não satisfatório. Para tal, foram analisados enquadramentos e planos das matérias, volume de imagens externas, contraste e foco nas imagens apresentadas, cenários, gráficos, mapas, vinhetas, legendas, reconstituições e figurinos dos repórteres.

No Jornal Visual, a forma de apresentar as reportagens é distinta dos demais telejornais. Neste caso, tanto o repórter e tradutor para a Libras dividem a apresentação (figura 1) e, durante a transmissão da matéria, o tradutor permanece no quadro, ao lado

⁶ Como analisado por BRAGA e REZENDE (2011), em “A voz das organizações sociais no telejornalismo público: a mídia enquanto aparelho hegemônico”.

da tela em perspectiva (figura 2). A alternativa permite a tradução simultânea da informação, mas o tamanho dedicado ao quadro com a matéria poderia ser revisto, a fim de destacar mais a notícia em si.



Figura 1



Figura 2

Em razão de um menor tempo de duração, o Jornal Visual apresenta em suas edições um maior acabamento visual. Dificilmente verificam-se problemas com a inserção de créditos ou com as roupas e apresentação dos repórteres. Mesmo assim, algumas falhas causadas pela precariedade na produção são observadas nas matérias produzidas para o Jornal. A repetição de imagens de um mesmo local ou acontecimento pode prejudicar a edição da matéria, como na reportagem exibida no dia 07 de abril de 2011 sobre a produção de soja no Brasil.

Enquanto apostam em um conteúdo jornalístico significativo, que possa se aproximar de qualquer outra emissora, inclusive comercial, os telejornais da TV Brasil não apresentam inovações significativas no tocante aos seus aspectos imagéticos. Vinhetas, aberturas, encerramentos e infográficos não carregam consigo a força de um informativo visualmente consolidado, refletindo diretamente a intenções da TV Brasil quanto à produção jornalística.

No Jornal Visual, abertura e encerramento têm como base as cores azul, verde e branco, com tipo (fonte) simples (figura 3). Já o Repórter Brasil Manhã e o Repórter Brasil Noite não apresentam especificidades nas vinhetas, mesmo se tratando de telejornais diferentes. Tanto na logomarca (figura 4) quanto na abertura, suas apresentações são idênticas.



Figura 3



Figura 4

A logomarca, apesar de pouco marcante, esboça a simplicidade da TV Brasil, apresentando um tipo nada rebuscado, o que facilita na construção de outras artes do jornal. Já a abertura, com diferentes imagens do povo brasileiro, é rápida e bastante eficiente, mostrando imagens que remetem à cultura nacional, proposta da emissora.

No cenário, também predominam as cores verde (no Repórter Brasil Manhã – figura 5) e azul (no Repórter Brasil Noite – figura 6). Nos estúdios de São Paulo (figura 6) e do Rio de Janeiro (figura 7) o painel que fica atrás dos apresentadores é muito colorido. Em Brasília (figura 5), as cores utilizadas são mais sóbrias e no painel estão desenhados pontos turísticos da cidade.



Figura 5



Figura 6



Figura 7

Um problema observado na edição matutina do Repórter Brasil Manhã está na postural da âncora, antes de posicionar-se em sua cadeira. Ela apresenta os destaques da edição e, ao término da escalada, dá alguns passos para trás enquanto fala, para se aproximar do televisor com a logo do jornal. A ação soa artificial e causa estranheza ao espectador.

No formato do telejornal que compõe o período de recorte deste trabalho, a previsão do tempo é apresentada ao final de cada bloco de forma detalhada, dividida por regiões, evidenciando a preocupação em atender aos telespectadores de todo o país. Porém, a arte é bidimensional e estática. Nesse aspecto, a TV Brasil vai de encontro à maioria das outras redes de televisão, principalmente as comerciais, onde repórteres especiais interagem com imagens virtuais e animadas para apresentar as temperaturas em todo o país.

Quando aos demais elementos visuais, por exemplo, não há padrão para a apresentação de dados durante a matéria. Por vezes também ocorrem falhas ou atrasos na inserção de créditos. O enquadramento tanto no estúdio quanto na rua é adequado, porém basicamente limitado ao plano médio⁷ e derivações desse. Na edição do dia 29 de março de 2011, o texto do repórter informava a localização do mesmo, a porta do hospital em que o vice-presidente José Alencar estava internado. No entanto, não ele estava bem posicionado, e por isso não era possível identificar o local exato em que se encontrava. Esse fato não ocorreu na matéria exibida no Repórter Brasil Noite, pois a repórter ficou em frente à porta do hospital, mostrando, inclusive o nome.

⁷ Mostra uma pessoa enquadrando da cintura até o fim da cabeça. (WATTS, 1990)



Também na edição da noite não há padrão para a inserção de dados no decorrer da matéria e pouca variação de enquadramento. As artes gráficas elaboradas para explicar ou destacar determinada informação ao longo da notícia, nos três jornais da TV Brasil aparecem raramente, mas são bem simples e quase sempre nas com cores verde (fundo), amarelo e branco (texto).

Em nenhum dos telejornais da emissora verificou-se a presença de selos para identificar temas genéricos a serem abordados, como saúde e política. Também não aparecem selos para temas sazonais como Carnaval ou Copa do Mundo. O tipo de produção mais próximos dos selos são as vinhetas diferenciadas para séries de reportagens.

De maneira geral, o figurino dos repórteres da TV Brasil não apresenta um padrão. Estampas, cores e cortes variados aparecem não apenas nas filiais da TV Brasil como também nas associadas de todo o país. Além da idade das repórteres também ser discrepante; novatas inexperientes dividem a tela com outras já mais maduras. Constantemente, repórteres usam roupas em cores chamativas, como o vermelho, resultando uma imagem incômoda no vídeo.

4. Conclusão

Enquadrar a programação jornalística da TV Brasil em uma classificação específica limitaria não apenas o presente trabalho como também toda a pesquisa feita sobre o tema. Longe de definir uma solução para as possíveis falhas de comunicação aqui apontadas, o presente artigo pretende buscar caminhos para este jornalismo público, baseando-se numa discussão objetiva acerca de seus elementos próprios.

É possível afirmar que a TV Brasil, como emissora pública, atinge parte de seu objetivo, ao veicular produtos noticiosos de caráter regionalista, tanto em conteúdo quanto em produção, privilegiando temas de educação e cultura. Porém, o desejo de expressar a pluralidade de vozes num mesmo território não deve se encerrar por aí. Há de se considerar que boa parte da programação jornalística advinda das emissoras associadas ainda se restringe a poucas editorias, normalmente aquelas cujas pautas apresentam temas menos emergenciais.

Por outro lado, no tocante ao fortalecimento de sua identidade visual, os noticiários da TV Brasil ainda deparam-se com falhas no aspecto de produção e mesmo em relação às possíveis soluções criativas, conforme descrito na seção anterior. Tais



problemas podem ser justificados pelos baixos investimentos econômicos em emissoras públicas. Os fatores caminham de encontro aos anseios da TV Brasil na atração do telespectador.

A falta de padronização dos elementos visuais, sobretudo no que tange aos conteúdos oriundos das sucursais, pode de alguma forma prejudicar a constituição de uma programação visual que cause identificação e transmita credibilidade ao público.

A partir destas conclusões preliminares é importante entender de que forma e quando a audiência participa dos telejornais como fonte de informação; como as narrativas são construídas a partir da edição e até que ponto a TV Brasil possui uma identidade visual configurada e consolidada. Tais estudos se pretendem como buscas de novos caminhos para que a emissora pública possa tornar os telejornais da emissora mais atrativos, facilitando a compreensão da informação, um bem público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética na Comunicação: da informação ao receptor**. São Paulo: Moderna, 2001.

COUTINHO, Iluska e MATA, Jhonatan. **Telejornalismo a serviço do público: a voz do povo em cena**. Anais do SBPJor. São Paulo: Umpesp, 2008.

_____. **Telejornalismo, Juventude e Representação: Quais formatos e narrativas dialogam com os novos telespectadores?** Anais do Libercom. Caxias do Sul: UCS, 2010.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo brasileiro: a estrutura narrativa das notícias em TV**. Tese de doutorado em Comunicação Social. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2003.

_____. **Avaliação do Telejornalismo na TV Brasil: Monitoramento do cumprimento dos direitos à comunicação e à informação**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010. (Mimeo).

EBC. Disponível em www.ebc.com.br Acesso em 12/07/2011.

GALTUNG, J.; RUGE, M. H. **A estrutura do noticiário estrangeiro. A apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros**. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993, pp. 61-73.



GOMES, Itania Maria Mota. **Telejornalismo de qualidade: Pressupostos teórico-metodológicos para análise.** Anais do XV Congresso da Compós. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

JORNAL VISUAL. Disponível em <<http://www.tvbrasil.org.br/jornalvisual/sobre>> Acesso 10/06/2011

JORNAL VISUAL. TV Brasil: Rio de Janeiro, 28 de Março a 15 de Abril de 2011. (DVD)

OHL, Murilo. **Programação visual dos telejornais.** Revista Tela Viva. São Paulo: Maio, 1999.

REPÓRTER BRASIL MANHÃ. TV Brasil: Rio de Janeiro, 28 de Março a 15 de Abril de 2011. (DVD)

REPÓRTER BRASIL NOITE. TV Brasil: Rio de Janeiro, 28 de Março a 15 de Abril de 2011. (DVD)

SOARES, Ismar de Oliveira. **O Projeto EDUCOM.TV: Formação On Line de Professores numa Perspectiva Educomunicativa.** Revista Digital de Tecnologia Educacional e Educação à Distância. São Paulo: PUC-SP, 2004.

TV BRASIL. Disponível em <<http://www.tvbrasil.org.br/sobreatv>> Acesso 12/07/2011.

WATTS, Harris. **On Camera.** Summus. São Paulo. 1990.